

A TEMÁTICA DA CHUVA NA POESIA BRASILEIRA: DO ROMANTISMO À CONTEMPORANEIDADE

Claudenice Silva SOUZA¹
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
clau909silva@gmail.com

José Hélder Pinheiro ALVES²
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
helder.pinalves@gmail.com

RESUMO: A abordagem temática do ensino da literatura foi proposta há algum tempo por Riedel *et al* (1968). No entanto, no ensino básico, esta perspectiva nunca se efetivou. Tendo em vista o nosso interesse pela temática da chuva na literatura, temos como objetivo neste trabalho perscrutá-la em poemas de diversos poetas e poetisas de períodos distintos da literatura nacional. Observaremos peculiaridades do modo como a temática é representada ao longo do tempo por alguns de nossos escritores: Gonçalves Dias, Raimundo Correia, Oswald de Andrade, Zila Mamede e Saulo Mendonça. Norteiam nossa discussão estudos críticos sobre os autores selecionados e os estilos de época a que se ligam. Neste sentido, dialogamos com Bosi (2013, 1996), Veríssimo (1998), Candido (2006) Machado (2011), Lobo (1993) e Oda e Handa (1994). Observamos, ao fim do percurso, que a temática da chuva pode favorecer um importante diálogo sobre diferentes percepções do fenômeno da chuva, bem como revela também vivências pessoais e visões de mundo peculiares.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Chuva. Abordagem temática.

THE THEME RAIN ON BRAZILIAN POETRY: FROM ROMANTICISM TO CONTEMPORARY

ABSTRACT: The thematic approach to teaching literature was proposed some time ago by Riedel *et al* (1968). However, in basic education this perspective has never been realized. In view of our interest in the theme of rain in literature, we aim in this work to examine it in poems by different poets and poets from different periods of national literature. We will observe peculiarities in the way the theme is represented over time by some of our writers: Gonçalves Dias, Raimundo Correia, Oswald de Andrade, Zila Mamede and Saulo Mendonça. Our discussion is guided by critical studies about the authors selected and the styles of time to which they are linked. In this sense, we establish a dialogue with Bosi (2013, 1996), Veríssimo (1998), Candido (2006) Machado (2011), Lobo (1993) and Oda and Handa (1994). We observed, at the end of the route, that the theme of rain can favor an important dialogue

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

² Doutor em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (USP) e Pós-Doutor pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Titular em Literatura Brasileira na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura e ensino, poesia, literatura infantil e literatura de cordel. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

on different perceptions of the rain phenomenon and reveals not only personal experiences but also peculiar world views.

KEYWORDS: Poetry; Rain; Thematic approach.

RECEBIDO EM: 15 de maio de 2020

ACEITO EM: 08 de junho de 2020

PUBLICADO EM: dezembro de 2020

1 INTRODUÇÃO

A abordagem da poesia na escola quase sempre vem atrelada a uma visão histórica bastante limitada. Ou seja, estudam-se poetas e poetisas para comprovar sua ligação com determinado estilo de época. Esta perspectiva perdura desde o final de século XIX, quando surgiram as primeiras grandes histórias da literatura brasileira³. No entanto, outras possibilidades de abordagem da poesia – e dos demais gêneros literários em geral – podem ser levantadas.

Uma hipótese de abordagem que poderia ter uma recepção mais empática por parte do leitor em formação seria a perspectiva temática. Aqui, o leque de possibilidades é amplo e bastante significativo. Uma iniciativa das mais ricas deste tipo de abordagem entre nós foi proposta por Riedel *et al* (1968), com o livro *Literatura brasileira em curso*. A obra é organizada a partir de grandes núcleos temáticos, como “Povo”, “Trabalho”, “Jogo”, “Protesto”, “Amor”, “Liberdade”, dentre outros. A antologia não passou da primeira edição, não conseguindo furar o cerco da abordagem historicista que continua a predominar em livros didáticos do ensino médio neste início de século XXI⁴.

³ Destacam-se dois autores: 1. Sílvio Romero, cuja *Introdução à história da literatura brasileira* é de 1882 e que é uma parte de sua posterior *História da literatura brasileira*, obra publicada em cinco volumes (ROMERO, 1980); 2. José Veríssimo cujos *Estudos de literatura brasileira* começam a ser publicados, em jornal, em 1894, conforme João Alexandre Barbosa (1976, p. 10), no ensaio “A crítica em série”, que abre os sete volumes da obra de Veríssimo (1976).

⁴ Pinheiro (2006), no artigo “Reflexões sobre o livro didático de literatura”, aponta os vários limites do livro didático de literatura. Não se trata de negar a dimensão histórica dos textos literários, mas de tomar consciência dos limites de um certo modelo de historiografia.

Neste artigo, abordaremos a temática da chuva a partir do Romantismo, observando como este fenômeno foi trabalhado ao longo de dois séculos. A abordagem tem como objetivo apontar o modo peculiar como cada poeta ou poetisa experimentou e expressou a temática. Serão observados os poemas “A tempestade”, de Gonçalves Dias; “Chuva e Sol”, de Raimundo Correia; “Soidão”, de Oswald de Andrade; “Chuva”, de Zila Mamede e, por fim, alguns haicais do poeta paraibano Saulo Mendonça⁵.

2 “A TEMPESTADE”⁶, DE GONÇALVES DIAS

O primeiro poema⁷ que vamos comentar é “A tempestade”, de Gonçalves Dias. De acordo com Veríssimo (1998), sua obra, puramente poética, vai muito além de tudo o mais que ele escreveu, tanto em acabamento quanto em mérito. O brasileiro do qual lança mão não significa apenas uma expressão do indianismo, mas, como afirma o crítico, lhe pertencia desde o nascimento e também por causa da criação inteiramente brasileira.

O poema começa com a imagem de um raio, como se pode observar na transcrição integral da estrofe.

Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso,
De luz;

⁵ Vimos estudando a temática da chuva na Poesia Brasileira e em outras literaturas há algum tempo. Disto, resultou um experimento, em 2019, no qual levamos para uma turma de primeiro ano do ensino médio poemas com esse tema para serem trabalhados. Inúmeras são as referências ao tema em diferentes poetas e poetisas, como: “Chuva na montanha”, de Cecília Meireles; “Poema só para Jaime Ovalle”, de Manuel Bandeira; “Caso pluvioso”, de Carlos Drummond de Andrade; “Inverno”, de Jorge de Lima; “A chuva”, de Arnaldo Antunes; “Chove”, de Ana Cristina Cesar; “A chuva”, de Lenilde Freitas; “Canção da Chuva”; de Lila Ripoll, dentre muitos outros poemas e poetas/poetisas.

⁶ “A tempestade” é também um poema de Álvares de Azevedo, que pertence à obra *Lira dos vinte anos*, 1853. O poema traz um sujeito lírico em primeira pessoa bastante intenso, que se relaciona com a tempestade de forma subjetiva ao passo que sente o fenômeno natural ao expor seus sentimentos e anseios.

⁷ Devido à grande extensão, não colocamos o poema integralmente no trabalho. Então, ao longo dos comentários, trazemos alguns versos a título de exemplificação. O poema pertence ao livro *Últimos Cantos*, de Gonçalves Dias e foi publicado pela primeira vez em 1851.

E trêmulo
 E puro
 Se aviva,
 S'esquiva,
 Rutila,
 Seduz!

Os versos da primeira estrofe são dissílabos, o que nos permite fazer uma relação entre o tamanho deles com o conteúdo do qual trata essa estrofe. O elemento que prenuncia a tempestade – o raio – pode se assemelhar a uma linha fina e rápida que surge no céu. Os versos são formados por uma ou duas palavras, o que favorece a percepção visual do fenômeno do raio. A escolha das palavras é de grande efeito poético: o *espaço esperso* ajuda na construção da imagem do local no qual se dá o raio, fato auxiliado pela semelhança gráfica e sonora ocorrida entre essas palavras – são parônimas. Além disso, *fulgura*, *luz*, *puro* e *seduz* possuem significados que anunciam o brilho do raio e também o encanto causado por ele.

O sol aparece na terceira estrofe como elemento que transforma toda a paisagem: é ele quem causa o brilho e a vivacidade na natureza. De acordo com Bosi (2013), o grau de alheamento do eu lírico em relação ao cotidiano e ao social está bastante relacionado com a busca de paralelos entre sentimentos e aspectos da natureza. Ao referir-se à relação entre paisagem e estado de alma, o crítico afirma que “Os textos de Gonçalves Dias, por exemplo, não costumam ultrapassar esse modo de expressão pelo qual o sujeito e o céu (o sol, a noite, o mar...) ocupam espaços contíguos de linguagem animista” (BOSI, 2013, p. 179, grifo do autor). Não podemos descartar esse animismo em relação ao elemento sol, pois ele é responsável pelo avivamento das cores da natureza no poema.

Em meio às vivas cores da paisagem, surge um elemento na quarta estrofe que faz com que o brilho do dia seja *entristecido*: é um ponto negro que cresce e tinge o céu. Trata-se de uma procela, isto é, uma tempestade marítima, que, aos olhos do eu lírico, é bela. O fenômeno natural começa a aparecer no poema e é visto com grandeza e admiração.

Ao se referir às imagens na criação poética do Romantismo, Bosi (2013, p. 184) destaca: “No campo de imagens assim produzido, o céu, o sol, a estrela de verão, tudo o que é diurno, luminoso e quente simbolizará não o esplendor, mas, por força do contraste, a morte do sujeito, a frieza e o negror em que se retrai a sua finitude”. O eu lírico, ao observar o fenômeno da natureza, toma consciência de que, apesar de ser bela, a tempestade é sem freios e entristece o dia, escurecendo-o.

A ideia de movimento comparece no texto de Gonçalves Dias para corroborar as consequências da grande ventania; por isso, “remexe-se a copa dos troncos altivos”. Toda a beleza atribuída aos troncos demonstra a delicada e detalhada visão do autor para com a natureza. A sucessão de verbos na décima primeira estrofe – *transtornar, toldar, baquear* – evidencia os movimentos da copa dos troncos. Atrelada a essa força, movimento e até mesmo raiva por parte do vento, a estrofe se constitui de versos hendecassílabos, o que nos parece um clímax do momento da tempestade. Isto é, são os maiores versos do poema e comungam com o assunto colocado na estrofe. Nas próximas partes do poema, o tamanho dos versos vai diminuindo, talvez porque finalmente a nuvem tenha se rasgado e descarregado e não há a violência dos versos anteriores atribuída ao vento, pois a chuva começa a se consolidar, acontecer.

Em versos octossílabos, a décima quarta estrofe traz um tom consciente, reflexivo e talvez crítico em relação à desigualdade, atrelado às consequências da chuva. Nessa parte do poema, Gonçalves Dias lembra a palhoça singela, os fastígios, as grimpas, os templos e ainda o palácio ou a mesquita ilustre e dotada de distinção. Tudo isso se transforma em pó devido aos efeitos da tempestade. Traz, portanto, a ideia de que o fenômeno natural a tudo iguala: uma casa simples construída pelo trabalho do homem pobre ou até mesmo grandes obras que atravessam tempos, tudo pode ser destruído por algo que o ser humano não pode conter.

Na penúltima estrofe, os versos são curtos – trissílabos e tetrassílabos –, numa relação com a diminuição da chuva. O autor faz uma comparação entre a chuva que desce e a virgem. É uma interessante comparação entre elementos bastante distintos. A virgem “Ri-se e cora,/ Depois chora/ E torna a rir”. O rir-se e corar-se pode ser associado ao início dos sinais da tempestade que se avizinhava lá no começo do poema – lembramos que o verbo *corar* existe na segunda estrofe do poema e está relacionado à aurora; portanto, significa início, vida, juventude, assim como a virgem. O verso que fala de chorar é a ocorrência da chuva de fato com todas as consequências que esta trouxe.

Os elementos que aparecem na última estrofe são a *folha* e a *gota*. Em versos dissílabos, o poeta nos fala da “folha / luzente” – devido à água da chuva – e da gota que vacila, hesita, até que treme e cai. Como não existem mais os raios, trovões, nem enchente, os versos são curtos e demonstram a calma e simplicidade de uma gota de chuva em uma folha, como finalização perfeita de um momento da natureza.

Candido (2006) afirma que o poeta Gonçalves Dias é um destaque no panorama da primeira fase romântica brasileira, pois, segundo ele, suas qualidades de inspiração e consciência artística o tornaram superior. Apesar de estarmos diante de um poeta romântico, observa-se uma atitude de distanciamento típico de um poeta mais clássico. O eu lírico acompanha o percurso da chuva desde o raio que fulgura até a última gota que cai. Não há, neste poema, a tradicional projeção do eu na natureza, marca forte da poesia romântica. Por outro lado, a presença da religiosidade se faz presente na antepenúltima estrofe, quando “O arco luzente,/ De Deus o farol;” parece trazer o restabelecimento da tranquilidade à natureza. A temática da chuva não é das mais trabalhadas em nosso Romantismo. Álvares de Azevedo nos legou um poema chamado “A tempestade” que traz um sujeito lírico que se relaciona com a tempestade de forma subjetiva.

3 A CHUVA EM UM POEMA DE RAIMUNDO CORREIA

Voltemo-nos agora para um poema de outra escola literária, o Parnasianismo. O poema “Chuva e Sol”, de Raimundo Correia, foi publicado no livro *Versos e Versões* em 1887. O poeta foi um dos que iniciaram essa escola em nosso país e, inegavelmente, a fez de modo distinto. Nessa época, a preocupação com a forma aparece em demasia e há, teoricamente, maior abstenção da personalidade do autor, conforme explica Veríssimo (1998). O crítico aponta que, ao chegar ao Brasil, o Parnasianismo francês acaba se modificando devido às nossas idiosincrasias sentimentais. Segundo ele, ser impessoal e impassível não combina com o nosso temperamento; por isso, é como se houvesse tido uma espécie de adaptação da escola francesa, que acabou por se moldar às nossas tradições poéticas. Nesse sentido, ainda que tenha sofrido as influências dos parnasianos franceses, não se desviou das raízes de nossa poesia.

Ao refletir acerca da obra do poeta parnasiano, Bosi (1996, p. 223) observa: “Menos fecundo e mais sensível, Raimundo Correia esbateu os tons demasiado claros do Parnasianismo e deu exemplo de uma poesia de sombras e luars que inflectia amiúde em meditações desenganadas”. Como poeta representante dessa escola, ele foi além das características pertencentes a ela e escreveu uma poesia que se consagrou também pelas temáticas mais sombrias, conforme aponta o crítico.

Vejamos, portanto, o que traz Raimundo Correia em “Chuva e Sol”:

Chuva e Sol

Agrada à vista e à fantasia agrada
Ver-te, através do prisma de diamantes
Da chuva, assim ferida e atravessada
Do sol pelos venábulos radiantes...

Vais e molhas-te, embora os pés levantes:
Par de pombos, que a ponta delicada
Dos bicos metem água e, doidejantes,

Bebem nos regos cheios da calçada...

Vais, e, apesar do guarda-chuva aberto,
Borrifando-te colmam-te as goteiras
De pérolas o manto mal coberto;

E estrelas mil cravejam-te, fagueiras,
Estrelas falsas, mas que assim de perto,
Rutilam tanto, como as verdadeiras...

Os versos do soneto são todos decassílabos, fato que está de acordo com o rigor formal da escola literária do autor e que nos permite ver regularidade métrica e sonora ao lermos o poema em voz alta. Conforme explicita Bosi (1996, p. 219-220), alguns dos traços de mais relevância do Parnasianismo são justamente “[...] o gosto da descrição nítida (a mimese pela mimese), concepções tradicionalistas sobre metro, ritmo e rima e, no fundo, o ideal da impessoalidade que partilhavam com os realistas do tempo”. Ou seja, essas concepções tradicionais sobre questões formais em poesia estão presentes no poema de Raimundo Correia, bem como pouca pessoalidade na observação de uma circunstância que envolve chuva e sol.

O título do poema sugere uma situação pouco convencional, mas que nem por isso deixa de ocorrer, pois mesmo que seja mais normal chover quando está nublado, às vezes, chove mesmo quando o sol está à mostra no céu. Em “Chuva e Sol”, o eu lírico fala de uma situação pluvial que muito lhe satisfaz. A repetição do verbo *agradar* no presente do indicativo é proposital e enfatiza a importância dos dois complementos desse verbo: tanto a visão quanto a fantasia, isto é, agrada-lhe ver e fantasiar, a partir de um momento chuvoso que será dito nos próximos versos, a presença de um tu. O eu lírico vê, mas não de qualquer forma e, sim, “[...] através do prisma de diamantes / Da chuva [...]”. O adjunto adnominal – *de diamantes* – revela a valorização do prisma pelo qual o eu lírico visualiza esse tu ao qual se dirige ao longo do poema.

Os próximos versos da primeira estrofe demonstram em que medida ocorre essa chuva: “[...] assim ferida e atravessada / Do sol pelos venábulos radiantes...”. Como vemos, o poeta consegue criar uma imagem e os adjetivos colaboram para essa construção sensível na medida em que apontam para uma íntima ligação entre chuva e sol. Os raios solares não apenas atravessam a chuva, mas a ferem no momento em que a atravessam.

O eu lírico conta, como se estivesse a ver uma situação diante da chuva, em que esse tu vai e se molha. Os pés da pessoa são comparados a um par de pombos. A maneira gentil – e até mesmo um pouco afetuosa – como o eu lírico se refere a eles, utilizando a *símile*, nos faz pensar que está falando de um ser feminino. Parece-nos que, ao falar dos bicos dos pombos, refere-se, na verdade, às pontas dos sapatos de uma mulher. Com o adjetivo *doidejantes*, caracteriza o andar um tanto desatinado ou brincalhão na calçada molhada pela chuva.

Pela visão do eu lírico e pela continuidade do poema na terceira estrofe, é como se ele a observasse andando e, mesmo com o guarda-chuva aberto, ela se molhasse. As palavras um tanto rebuscadas e a inversão sintática presente no segundo verso atribuem um caráter culto e um estilo próprio do poeta e da escola literária a que pertence. Veríssimo (1998) elucida que, embora Raimundo Correia tenha tido apego às fórmulas da poesia parnasiana, sua criação artística não ficou presa apenas a ela e, por isso, ele é, em sua geração, talvez o mais comvente. As goteiras borrifam – vejamos a linguagem do parnasiano Raimundo Correia: as goteiras não apenas caem, borrifam – e colmam de pérolas o manto da pessoa. De certo, o sol tem um papel fundamental na visão/fantasia do eu lírico, pois faz brilhar os pingos de chuva que caem e molham o manto.

Na última estrofe, o poeta já não se refere aos pingos como pérolas – visão de uma sutil e delicada expressão – e sim como *estrelas mil*, que cravejam o ser a quem o eu lírico contempla. Entre vírgulas está o adjetivo que as qualifica: *fagueiras*, isto é, suaves, como se suavemente estrelas a cravejassem. No segundo verso, mais uma vez o substantivo *estrelas*,

mas com uma caracterização diversa da primeira vez em que aparece no poema: agora elas são *falsas*. No entanto, de perto, essas estrelas falsas “rutilam tanto, como as verdadeiras...”. Eram pérolas, depois estrelas. Entendemos que o sol tem grande participação ao possibilitar esse forte brilho ou cintilação aos pingos de chuva. Há, portanto, ao final, como que uma consciência de que está diante de uma fantasia da percepção.

4 CHUVA NA CIDADE

Poetas modernos também fizeram poemas sobre a chuva. Escolhemos Oswald de Andrade, que confere a seu poema “Soidão” um caráter diferenciado do ponto de vista da construção, mas também, como o poema de Raimundo Correia, traz a presença feminina como elemento importante na expressão da chuva. O poema foi publicado no livro *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*, obra em que, segundo Antelo (1991, p. 13), “O espaço textual, o espaço da página e o espaço social superpõem-se, assim, como instâncias inseparáveis e entremeadas.” No livro, o poema estende-se a uma página aberta em que figuram também uma “ilustração” da temática do poema.

O poema constrói-se a partir de uma espécie de refrão: “Chove chuva choverando”, retomado no início de três estrofes e no final do poema. Embora construído com versos livres, há uma predominância da redondilha maior, presente no refrão:

Chove chuva choverando
que a cidade de meu bem
está-se toda se lavando

A chuva parece cruzar o dia até o anoitecer e neste percurso vai trazendo consequências: a cidade “Está-se toda se lavando” (E-1), o jardim “Está-se todo se enfeitando” (E-3) e “a casa de meu bem/ Está-se toda se molhando” (E-5). Outras ações brotam da chuva choverando, que podem ser lidas como chuva fina que se prolonga. Em “A

magnólia abre o para-chuva/ Pára-sol da cidade”, a construção confere à natureza uma imagem trazida do universo mecânico. Esta inversão é curiosa, uma vez que tradicionalmente recolhemos da natureza imagens para caracterizar certos sentimentos, percepções, situações. Um deslocamento de linguagem curioso é afirmar que a chuva “Escorre das goteiras do domingo”; a goteira liga-se a casas, mas o poeta desloca, poeticamente, para o domingo, informando indiretamente o dia da semana.

Pode-se falar que o poema se constrói a partir de vários planos: as três estrofes que iniciam com “Chove chuva choverando” – a primeira, a terceira e a quinta – são intercaladas por estrofes que trazem cenas e situações diversas: o velho inglês solitário, as plantas, as goteiras, o anoitecer dos jardins da cidade, a noite de hotel. É como se a permanência da chuva levasse o poeta a pequenos devaneios sobre o que ocorre na cidade “de Mário de Andrade” – a São Paulo da garoa.

Uma incógnita para o leitor é, por certo, o título: “Soidão”. Por que não solidão? Pode-se inferir que no dia de chuva permanente sobre a cidade, o sujeito lírico permanece quieto, sem poder se deslocar, tempo propício, portanto, ao devaneio, ao voo livre da imaginação. Embora o experimentalismo se destaque no livro *Primeiro Caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*, neste, como em outros poemas do livro, o poeta lança mão de elementos da tradição, como o verso livre mesclado com estrofes em verso livre.

5 AS HORAS DE EXÍLIO E A CHUVA EM ZILA MAMEDE

Escolhemos ainda um texto poético de uma voz feminina de nossa literatura, a poetisa Zila Mamede. O poema é intitulado “Chuva” e pertence à obra *Salinas*, publicada em 1958. Nesta obra, segundo Pinheiro (2012, p. 10), “ainda persiste o tom de um discurso intimista, embora nele já se mostre certo afastamento das imagens dispersivas e do caótico universo

interior que marcaram o volume antecedente.” A poetisa paraibana/norteriograndense legou-nos uma poesia densa, que dialoga e resiste a muitas formas de opressão do mundo contemporâneo (PINHEIRO, 2010). Passemos, pois, ao poema escolhido para apreciação.

Chuva

Nessas horas de exílio, o pensamento
vara as janelas grávidas de chuva
e se antecipa longe, e se projeta
uma gaivota ansiosa em pleno voo.

O dorso do horizonte é uma promessa
negando a intensidade dessas águas
tardias, rudes águas fatigadas.

De sombras se enche o tempo e uma revolta
se planta nos meus olhos. Cada gota
que fere meus sentidos escorrega
na lama que se ajunta nas calçadas.

Que chuva se esmagando nos meus dedos!
O pensamento, não querendo ouvi-la,
rompe grades e espaços, louco, livre.

Na primeira estrofe, o elemento que mais se destaca é o pensamento. O eu lírico se confessa estar em uma situação que ele mesmo caracteriza como “horas de exílio”. É nesse ambiente que o seu pensamento “vara as janelas grávidas de chuva”. Isto é, percebemos um eu lírico que se sente exilado devido à chuva e sua reação é permitir que seu raciocínio se vá para longe, que possa varar janelas e prosseguir, já que ele mesmo está impedido de fazê-lo. Em seguida, ainda na primeira estrofe, há a metáfora de seu pensamento como uma “gaivota ansiosa em pleno voo”. Ele não pode sair devido ao fenômeno natural, mas a mente do eu lírico se vai para lugares distantes.

A segunda estrofe adquire um tom mais sombrio. O eu lírico revela a congruência de dois fatos: o tempo que se enche de sombras, e a revolta que surge plantada em seus olhos. Nesse momento, nos é possível perguntar se o tempo está cheio de sombras por estar nublado

devido à chuva ou se, de repente, dentro de si mesmo, as coisas começam a soar como obscuras, pois um sentimento como a revolta ganha espaço no poema. Esse sentimento é demonstrado nos olhos do eu lírico, o que nos faz pensar em seu choro. As gotas, que não sabemos se são de chuva ou de choro, ferem os sentidos e acabam por escorregar para a lama. Podemos pensar na possibilidade de a chuva ter-lhe permitido um contato mais profundo consigo mesmo a ponto de as lágrimas virem à tona.

No fim do poema, terceira e última estrofe, a recusa do eu lírico em não se sentir bem perante a chuva se mostra mais expressiva na medida em que ele demonstra não querer ouvi-la e, por isso, seu pensamento rompe as grades e os espaços. Assim, projeta-se “livre e louco” enquanto o pensamento está solto em detrimento do exílio de si mesmo. O poema, composto por decassílabos, ostenta do início ao fim um tom reflexivo, acionando imagens fortes para revelar a tensão que se instala no sujeito lírico.

6 OS RITMOS DE INVERNO EM HAICAIS

Para este momento final, escolhemos haicais do poeta paraibano Saulo Mendonça. Nossa opção foi por uma forma de origem japonesa denominada haikai⁸, que, além de se diferenciar do que vimos até aqui, traz a questão da estação a que se refere em novo contexto social. A chuva, em grande parte do Nordeste brasileiro, ocorre sempre entre janeiro e junho, período conhecido, normalmente, por inverno. Portanto, o dito inverno nordestino não traz as características do frio, presentes no Sudeste, na Europa e em outros países.

De acordo com Machado (2011), o haikai vem se abasileirando bastante. Como fato histórico, o autor diz que houve, no começo do século XX, a imigração de muitos japoneses

⁸ A escrita da palavra não é definitiva com a letra “c”, o que quer dizer que muitos autores escrevem-na com “k”. Neste trabalho, no entanto, optamos pela maneira como temos escrito ao longo de nossos trabalhos com esse gênero: com a letra “c”.

para o Brasil. Então, essa ocorrência pode ter sido um dos fatores que acarretaram a disseminação dessa arte própria dos japoneses.

Do ponto de vista formal, o haikai é composto por três versos: o primeiro com cinco sílabas, o segundo com sete e o terceiro com cinco, completando 17 sílabas poéticas. Alice Ruiz (2015), na apresentação de seu livro *Outro silêncio: haicais*, refere-se a eles como *exercício de concisão*, ou seja, eles dizem muito em poucas palavras e devemos aceitar, enquanto leitores, o desafio de compreendê-los.

O haikai se caracteriza como uma poesia ligada ao meio ambiente e às estações do ano. “Assim, o eu da trova (sujeito) é substituído pelo outro (objeto) do haikai – por uma árvore, um rio, um poço, um animal, uma estação, um astro em particular, como a lua –, através dos cinco sentidos” (LOBO, 1993, p. 44). Sendo assim, é o tipo de poema também que acaba resgatando momentos ou instantes vividos e sentidos pelo poeta na sua relação com os elementos da natureza.

Escolhemos três haicais de Saulo Mendonça que trazem a temática da chuva, publicados no livro *Pirilampo* em 2005. Passemos à apreciação do primeiro:

Chuva passando
tarde escurecendo...
É tempo de tanajura!

Destaquemos, inicialmente, a presença de dois verbos no gerúndio. Essa forma nominal do verbo nos traz a ideia de que algo está ocorrendo no momento em que se lê. O segundo verso termina com as reticências, isto é, a ação continua ocorrendo. O último verso é exclamativo e nos desvenda o pensamento do poeta, pois, como a chuva está passando, é comum na região o aparecimento das tanajuras⁹. O poema nos relembra a infância: quando íamos para o meio da rua pegar essas formigas grandes para comer. Por isso, podemos fazer

⁹ O período em que as tanajuras estão em sua época mais ativa de reprodução é o período das chuvas.

um contraste entre as reticências e o último momento quando ele revela, como se despertasse ou ficasse extremamente alegre, que é o tempo em que elas aparecem. Noutro haicai, a chuva comparece “no telhado” e, junto com o assobio do sapo, constituem um “concerto de inverno”.

O segundo poema convoca a audição do leitor. Os “ritmos de inverno” trazem um tempo marcado pelo som da “goteira” e o “tic-tac de relógio”. Natureza e cultura aqui se misturam:

Ritmos de inverno:
Goteira na bacia
tic-tac de relógio.

Nesse haicai, não há a relação com nenhum animal, e sim com um hábito de muitas pessoas, que é o de colocar bacias nas goteiras para apagar água da chuva. O poema revela uma vivência recorrente nas casas populares, que não têm laje. O último verso compara o som ritmado das goteiras com o tic-tac do relógio. Isso é feito de modo bastante sucinto, sem precisar afirmar com inúmeras palavras ou orações que esse som dos pingos das goteiras caindo na bacia se parece com o barulho de um relógio.

A indicação do inverno como tempo da chuva retorna também no poema seguinte. O deslocamento é significativo, uma vez que o olhar não é do eu lírico, mas do próprio inverno, que comparece animizado:

Olhar de inverno.
Da biqueira escorre a chuva
restos de infância.

A convocação da imagem da infância novamente reforça que o poeta está acionando um tempo de encantamento ante a chuva e suas consequências. Vale destacarmos o que Oda e

Handa (1994, p. 5) dizem sobre a escolha do autor quando escreve sobre as estações: “Cada estação do ano tem a sua própria característica do ponto de vista da sensibilidade do poeta. Cada uma das quatro estações do ano transmite uma determinada emoção, que é captada pelo poeta e transformada em verso”. Sendo assim, quando Saulo Mendonça coloca elementos próprios da natureza e que fazem parte de sua vivência e percepção, ele acaba por caracterizar as estações sob o seu ponto de vista e de sua sensibilidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos perceber, ao longo da apresentação dos poemas, que, de acordo com a época e o autor, os poemas apresentam visões distintas acerca da temática da chuva. Gonçalves Dias acompanha desde o momento inicial, ou o prenúncio de uma tempestade, e vai acompanhando como que sua estruturação, e, para tanto, lança mão de um procedimento em que a cada estrofe vai se ampliando o número de sílabas dos versos, como que mimetizando o crescimento da tempestade até um clímax. A partir daí, a tempestade vai se arrefecendo, e a medida dos versos na estrofe também. Há, em todo o percurso, um jogo entre distanciamento – que favorece a construção das imagens, os ritmos adequados a cada fase da chuva, e, ao mesmo tempo, um encantamento do eu lírico ante a grandiosidade do fenômeno natural.

O eu lírico do poema de Raimundo Correia aciona a fantasia a partir de um momento chuvoso. Os adjetivos do poema auxiliam na construção sensível de imagens à medida que elaboram uma relação entre chuva e sol. A metáfora, quando fala dos bicos dos pombos, que na verdade nos parecem as pontas de sapatos femininos, demonstra um eu lírico a observar essa imagem. O sol tem um papel fundamental na visão/fantasia do eu lírico, pois faz brilhar ou cintilar os pingos de chuva – os quais depois são pérolas e estrelas na visão do eu lírico – que caem e molham o manto. O rebuscamento da forma em Raimundo Correia não

prejudicou, em nenhum momento, nem a ingenuidade do sentimento e nem mesmo a sua expressão. Se o vocabulário é, por vezes, culto, não há, por outro lado a dita “imparcialidade” da escola a que se liga.

Oswald de Andrade traz a vivência do fenômeno da chuva na cidade. O poeta como que imagina a chuva lavando a cidade, regando os jardins, molhando a casa do seu bem. O poema traz a imagem da chuva contínua, que lembra a chuva fina em cidades do sudeste, como São Paulo, espaço a que está ligado. O eu lírico, parado, dá asas à imaginação, apontando o que ocorre na cidade. O ritmo do poema é agradável, e através da aliteração do /x/, como que mimetiza o barulho da chuva fina. Do ponto de vista formal, o poema mescla versos tradicionais, de vertente popular, como a redondilha maior, com versos livres, de caráter prosaico.

O eu lírico do poema “Chuva”, de Zila Mamede, não se sente bem perante o momento chuvoso pelo qual passa, talvez porque esse instante lhe propicie uma maior intimidade consigo mesmo. A “sombra” trazida pelo tempo parece inquietar o eu lírico e, mais adiante, “Cada gota”, ao invés de acalantar, como nos haicais de Saulo Mendonça, “fere” os sentidos. Por isso, ele expressa não querer ouvi-la e, assim, seu pensamento rompe as grades e os espaços, projetando-se livre e louco. Há, portanto, um contraste entre a situação vivenciada por ele e o que ocorre com seu pensamento, que voa para longe.

A criação poética de Saulo Mendonça nos revela sua emoção e seu apego ao momento de chuva, a partir de uma evocação da infância. Elementos como tanajura, sapos, goteiras, biqueiras fazem parte desse fenômeno da natureza. O poeta caracteriza peculiarmente a temática ao atrelá-la ao seu conciso e sensível olhar. As imagens dos poemas são instantes de sua percepção e de flagras perante fatos que podem passar despercebidos para muitos, mas não para um poeta como Saulo Mendonça.

Cada poema, a seu modo, aponta diferentes percepções de um fenômeno comum a todos, mas que desperta sensações, lembranças e construções de imagens diversas. Os poemas trazem um pouco a presença da geografia a que cada autor está ligado, foi o que pudemos perceber. “A tempestade” lembra mais o Sudeste do país – embora Gonçalves Dias seja maranhense, sua produção se deu basicamente no hoje denominado Sudeste do Brasil. O poema de Raimundo Correia não se prende a um lugar geográfico específico, diferentemente do de Oswald de Andrade, que especifica nos versos o contexto da cidade de São Paulo. Por sua vez, Zila Mamede e Saulo Mendonça trazem a temática a partir de uma geografia própria. Em Zila, o eu lírico sofre horas de exílio devido à chuva. Em Saulo, a lembrança da infância, do tempo das tanajuras, dos sons da água nas goteiras e biqueiras.

A chuva, em cada situação, rega a imaginação e percepção dos poetas e poetisas que nos oferecem o resultado destas vivências. Por certo, a leitura dos poemas nos acorda lembranças particulares destas vivências e nos faz mais sensíveis a seus encantamentos e a sua força. As recepções, portanto, podem ser diversas, como são diversos os poemas. É possível que, trabalhando a poesia – e outros gêneros literários – a partir de unidades temáticas, pudéssemos aproximar um pouco mais os leitores em formação do universo da poesia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald. **Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade**. Prefácio: Raúl Antelo. São Paulo: Globo: Secretaria de Estado da Cultura, 1991.

ANTELO, Raul. Prefácio. *In*: ANDRADE, Oswald. **Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade**. Prefácio de Raúl Antelo. São Paulo: Globo: Secretaria de Estado da Cultura, 1991, p. 07-14.

AZEVEDO, Álvares de. **Lira dos vinte anos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BARBOSA, João Alexandre. A crítica em série. *In*: VERÍSSIMO, José. **Estudos de literatura brasileira**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1976, p. 09-33.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 34. ed. revista e aumentada. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 10. ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CORREIA, Raimundo. **Poesias completas**. Org. pref. e notas: Múcio Leão. São Paulo: Ed. Nacional, 1948.

DIAS, Gonçalves. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1959.

DIAS, Gonçalves. **Poesia Lírica e Indianista**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. 9. ed. São Paulo: Editora Ática S. A., 1995.

LOBO, Luiza. **O haikai e a crise da metafísica**. Rio de Janeiro: Numen Ed., 1993.

MACHADO, Daniel dos Santos. **Haikai, uma análise da produção em língua portuguesa: Tema, forma e conteúdo**. 2011. 112 f. Dissertação (Mestrado em Recepção e Prática de Leituras). Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2011.

MAMEDE, Zila. **Navegos, A Herança**. Natal (RN): Edufrn, 2003.

MARQUES, Saulo Mendonça. **Pirilampo**. João Pessoa, PB: A União, 2005.

ODA, Teruko; HANDA, Francisco. **Introdução ao Haikai**. São Paulo: Grêmio Haikai Ipê/Aliança Cultural Brasil-Japão Editores, 1994.

PINHEIRO, Carlos André. **Essa marca de suor numa canção: o processo de redução estrutural na poesia de Zila Mamede**. 2012. 170 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

PINHEIRO, Hélder. Reflexões sobre o livro didático de literatura. In: BUSEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 103-116.

RIEDEL, Dirce; LEMOS, Carlos; BARBIERI, Ivo; CASTRO, Therezinha. **Literatura brasileira em curso**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1968.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. 7. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora; INL-MEC, 1980. (Vol. 1).

RUIZ S, Alice. **Outro silêncio: haicais**. 1. ed. São Paulo: Boa Companhia, 2015.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)**. São Paulo: Letras & Letras, 1998.

ANEXO 1 – Poema “A tempestade”, de
Gonçalves Dias

A tempestade

*Quem porfiar contigo... ousara
Da glória o poderio;
Tu que fazes gemer pendido o cedro,
Turbar-se o claro rio?
Alexandre Herculano*

Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso,
De luz;
E trêmulo
E puro
Se aviva,
S’esquiva,
Rutila,
Seduz!
Vem a aurora
Pressurosa,
Cor-de-rosa,
Que se cora
De carmim;
A seus raios
As estrelas
Que eram belas,
Têm desmaios,
Já por fim.
O sol desponta
Lá no horizonte,
Doirando a fonte,
E o prado e o monte
E o céu e o mar;
E um manto belo
De vivas cores
Adorna as flores
Que entre verdores
Se vê brilhar.
Um ponto aparece,
Que o dia entristece,
O céu, onde cresce,

De negro a tingir;
Oh! vede a procela
Infrene, mas bela,
No ar s’encapela
Já pronta a rugir!
Não solta a voz canora
No bosque o vate alado,
Que um canto d’inspirado
Tem sempre a cada aurora;
É mudo quanto habita
Da terra n’amplidão.
A coma então luzente
Se agita do arvoredado,
E o vate um canto a medo
Desfere lentamente,
Sentindo opresso o peito
De tanta inspiração.
Fogem do vento que ruge
As nuvens aurinevadas,
Como ovelhas assustadas,
Dum fero lobo cervical;
Estilham-se como as velas
Que no alto mar apanha,
Ardendo na usada sanha,
Subitâneo vendaval.
Bem como serpentes que o frio
Em nós emaranha, — salgadas
As ondas s’estanham, pesadas
Batendo no frouxo areal.
Disseras que viras vagando
Nas furnas do céu entreabertas
Que mudas fuzilam, — incertas
Fantasmas do gênio do mal!
E no túrgido ocaso se avista
Entre a cinza que o céu apolvilha,
Um clarão momentâneo que brilha,
Sem das nuvens o seio rasgar;
Logo um raio cintila e mais outro,
Ainda outro veloz, fascinante,
Qual centelha que em rápido instante
Se converte d’incêndios em mar.
Um som longínquo cavernoso e oco
Rouqueja, e n’amplidão do espaço morre;

Eis outro inda mais perto, inda mais rouco,
 Que alpestres cimos mais veloz percorre,
 Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco
 Do Norte ao Sul, — dum ponto a outro corre:
 Devorador incêndio alastra os ares,
 Enquanto a noite pesa sobre os mares.
 Nos últimos cimos dos montes erguidos
 Já silva, já ruger do vento o pegão;
 Estorcem-se os leques dos verdes palmares,
 Volteiam, rebramam, doudejam nos ares,
 Até que lascados baqueiam no chão.
 Remexe-se a copa dos troncos altivos,
 Transtorna-se, tolda, baqueia também;
 E o vento, que as rochas abala no cerro,
 Os troncos enlaça nas asas de ferro,
 E atira-os raivosos dos montes além.
 Da nuvem densa, que no espaço ondeia,
 Rasga-se o negro bojo carregado,
 E enquanto a luz do raio o sol roxeia,
 Onde parece à terra estar colado,
 Da chuva, que os sentidos nos enleia,
 O forte peso em turbilhão mudado,
 Das ruínas completa o grande estrago,
 Parecendo mudar a terra em lago.
 Inda ronca o trovão retumbante,
 Inda o raio fuzila no espaço,
 E o corisco num rápido instante
 Brilha, fulge, rutila, e fugiu.
 Mas se à terra desceu, mirra o tronco,
 Cega o triste que iroso ameaça,
 E o penedo, que as nuvens devassa,
 Como tronco sem viço partiu.
 Deixando a palhoça singela,
 Humilde labor da pobreza,
 Da nossa vaidosa grandeza,
 Nivelam os fastígios sem dó;
 E os templos e as grimpas soberbas,
 Palácio ou mesquita preclara,
 Que a foice do tempo poupou,
 Em breves momentos é pó.
 Cresce a chuva, os rios crescem,
 Pobres regatos s'empolam,
 E nas turvam ondas rolam

Grossos troncos a boiar!
 O córrego, qu'inda há pouco
 No torrado leito ardia,
 É já torrente bravia,
 Que da praia arreda o mar.
 Mas ah! do desditoso,
 Que viu crescer a enchente
 E desce descuidoso
 Ao vale, quando sente
 Crescer dum lado e d'outro
 O mar da aluvião!
 Os troncos arrancados
 Sem rumo vão boiantes;
 E os tetos arrasados,
 Inteiros, flutuantes,
 Dão antes crua morte,
 Que asilo e proteção!
 Porém no ocidente
 S'ergueu de repente
 O arco luzente,
 De Deus o farol;
 Sucedem-se as cores,
 Qu'imitam as flores,
 Que sembram primores
 D'um novo arrebol.
 Nas águas poussa;
 E a base viva
 De luz esquiva,
 E a curva altiva
 Sublima ao céu;
 Inda outro arqueja,
 Mais desbotado,
 Quase apagado,
 Como embotado
 De tênue véu.
 Tal a chuva
 Transparece,
 Quando desce
 E ainda vê-se
 O sol luzir;
 Como a virgem,
 Que numa hora
 Ri-se e cora.

Depois chora
 E torna a rir.
 A folha
 Luzente
 Do orvalho
 Nitente
 A gota
 Retrai:

Vacila,
 Palpita;
 Mais grossa,
 Hesita,
 E treme
 E cai.
 E cai.

ANEXO 2 – Poema “Solidão”, de Oswald de Andrade.

SOLIDÃO

Chove chuva choverando
 que a cidade de meu bem
 está-se toda se lavando

Senhor
 que eu não fique nunca
 como esse velho inglês
 aí ao lado
 que dorme numa cadeira
 à espera de visitas que não vêm

Chove chuva choverando
 que o jardim de meu bem
 está-se todo se enfeitando
 A chuva cai
 cai de bruços

A magnólia abre o pára-chuva

pára-sol da cidade
 de Mário de Andrade
 A chuva cai
 escorre das goteiras do domingo

Chove chuva choverando
 que a cidade de meu bem
 está-se toda se molhando

Anoitece sobre os jardins
 Jardim da Luz
 Jardim da Praça da República
 Jardim das platibandas

Noite
 Noite de hotel
 Chove chuva choverando.